

Fonoaudiologia Escolar

ESTIMULAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA EM ESCOLARES DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Denise Brandão de Oliveira e Britto, Ana Clara Nunes da Silva, Rafaela Gomes Goulart

Objetivo: O presente estudo teve como objetivos descrever os resultados da estimulação da consciência fonológica, leitura e escrita de escolares antes e após programa de estimulação coletiva; investigar o nível de consciência fonológica, leitura e escrita antes e depois da estimulação; analisar a evolução do desempenho dos alunos na leitura e na escrita e relatar a experiência da Fonoaudiologia Escolar na rede de Ensino Público. **Métodos:** O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Minas, sob o protocolo CAAE: 61967816.0.0000.5137. Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados em uma escola municipal situada na região Noroeste de Belo Horizonte. Participaram da pesquisa nove escolares do segundo ano do ensino fundamental com e sem dificuldades na linguagem escrita. Os sujeitos foram submetidos a sondagem de consciência fonológica, leitura, escrita e memória imediata. Além disso, utilizou-se para coleta de dados um questionário de autopercepção. Em seguida, deu-se início ao programa de estimulação da consciência fonológica em 15 encontros semanais em que as tarefas de aliteração, rima, segmentação silábica, manipulação fonêmica e consciência de palavras e de fonemas foram estimuladas. O grupo foi novamente submetido à sondagem. Os dados foram tabulados e analisados descritivamente e quantitativamente. O programa utilizado nas análises foi o IBM SPSS Statistics Version 22. O nível de significância adotado foi de 5%. **Resultados:** Quanto ao desempenho do grupo após a estimulação, houve melhora no ditado de palavras e pseudopalavras ($p=0,008$), identificação de rimas ($p=0,039$), combinação de fonemas ($p=0,024$), contagem de fonemas ($p=0,011$), comparação do tamanho das palavras ($p=0,041$), representação dos fonemas com letras ($p=0,034$) e leitura ($p=0,021$). Nas demais tarefas os escolares apresentaram melhora após o programa de estimulação, embora não haja diferença significativa quando analisados em grupo. **Conclusões:** Com a avaliação do processo de intervenção – aplicação da sondagem e do questionário de autopercepção antes e após a estimulação – observou-se melhora no desempenho de todos os escolares participantes do estudo. A estimulação das habilidades de consciência fonológica em escolares em processo de alfabetização favorece o desempenho da leitura e da escrita. Além disso, o estudo confirma que o material desenvolvido para a estimulação pode e deve ser utilizado como proposta de intervenção no ambiente escolar como forma de promoção de saúde e prevenção.

DISORTOGRAFIA E INCLUSÃO: CONHECIMENTO DE LICENCIANDOS ACERCA DA PARTICIPAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NOS CASOS DE DISORTOGRAFIA

Danilo Ferraz da Silva, Leidna da Silva Santos

Fundamentação: No Brasil, em cada turma de educação básica, estima-se que entre 3 a 5 estudantes sejam potenciais diagnósticos para algum transtorno de aprendizagem. A disortografia constitui o transtorno específico de linguagem escrita que afeta diretamente o rendimento escolar e social do educando. A partir da lei de diretrizes e bases, o professor de educação básica torna-se o profissional habilitado para a ação docente inclusiva. Nesse cenário, o fonoaudiólogo educacional poderá contribuir no reconhecimento e na elaboração de estratégias pedagógicas juntamente com o professor para o enfrentamento das dificuldades linguísticas apresentadas. O reconhecimento do papel do fonoaudiólogo educacional pelos educadores parece essencial para a efetivação de ações conjuntas entre estes profissionais no âmbito pedagógico e a formação docente parece o período ideal para que este reconhecimento se estabeleça. **Objetivo:** Analisar o conhecimento de estudantes de cursos de licenciatura acerca da atuação fonoaudiológica frente a casos de disortografia na perspectiva da educação inclusiva. **Método:** Estudo exploratório transversal com estudantes de cursos de licenciatura de uma universidade pública de Salvador (BA). Os estudantes responderam voluntariamente a questionário estruturado. Os dados obtidos foram expressos como medidas de tendência central e de dispersão ou frequência relativa e absoluta. A verificação de associação entre as respostas foi realizada através do teste de qui-quadrado de Pearson. Foi adotado intervalo de confiança de 90% e nível de significância de 10%, considerando o caráter exploratório do estudo. As etapas de tabulação e análise dos dados foram realizadas com o uso do software Epi Info* versão 7.1.5. **Resultados:** Um total de 59 estudantes de 4 cursos de licenciatura foram entrevistados. Os indivíduos apresentaram idade entre 19 e 51 anos, estudavam até o 8º semestre e a maioria (81,4%; 48/59) era formada por mulheres cursantes em etapa final da graduação. Do total, 66,7% (38) indivíduos declararam experiência prévia em docência e 63,2% (37) afirmaram conhecer a disposição sobre educação especial contida na LDB (9.394/96). Metade dos estudantes (50,8%; 30/59) declarou não ter qualquer disciplina relacionada ao tema disortografia durante a graduação e 59,9% (33) manifestaram total desconhecimento acerca da temática. 66,1% (39) dos participantes não conseguiram formular uma conduta diante de casos de disortografia em sua futura prática profissional e 11,9% (7) referiram o encaminhamento a outro profissional como medida tratativa. 40,7% (24) não sabiam quais seriam os profissionais mais apropriados a lidar com o tema, 23,3% (12) mencionaram o psicopedagogo ou o psicólogo e apenas 5,1% (3) citaram o fonoaudiólogo como profissional habilitado para tratar o transtorno. **Conclusões:** O estudo mostrou que a formação em licenciatura aparenta não ser capaz de contemplar as competências necessárias à identificação e ação frente a casos de disortografia. Os estudantes manifestaram em sua maioria conhecimento superficial ou equivocado a respeito do tema e acerca da importância da parceria do fonoaudiólogo educacional neste enfrentamento. Os dados sugerem a necessidade de implementar estratégias de aprofundamento do tema nos cursos de licenciatura observados, enfatizando a necessidade de divulgação da abordagem multiprofissional no âmbito escolar diante da complexidade da identificação e cuidado na disortografia.

RELAÇÃO ENTRE A COMPREENSÃO DE LEITURA, FLUÊNCIA LEITORA E HABILIDADES COGNITIVAS EM ADOLESCENTES

Lorene Karoline Silva, Luciana Mendonça Alves, Vanessa de Oliveira Martins- Reis

Objetivo: Investigar a associação entre a compreensão de leitura e a fluência leitora, atenção, memória e funções executivas em adolescentes. **Métodos:** Trata-se de um estudo observacional analítico transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CAAE 58515916.0.0000.5149). Participaram do estudo 104 adolescentes de ambos os gêneros (66,3% do gênero feminino), na faixa etária de 11 a 15 anos, regularmente matriculados no ensino fundamental de duas escolas públicas do município de Belo Horizonte, distribuídos em: 6º ano ($n=34$), 7º ano ($n=24$), 8º ano ($n=27$) e 9º ano ($n=19$) com idade média de 13,7 anos. Os adolescentes foram submetidos às seguintes avaliações: Avaliação Neuropsicológica Breve NEUPSILIN para avaliação da atenção, memória e funções executivas; Leitura oral de palavras e pseudopalavras para avaliação da fluência de leitura de itens isolados; Adaptação da prova de interpretação de atos de fala indiretos da Bateria Montreal de Avaliação da Comunicação (MAC), para avaliação da compreensão da leitura de frases; e um instrumento desenvolvido pelas pesquisadoras para a avaliação da compreensão de leitura textual. O banco de dados foi construído com auxílio do Excel. Para a análise de dados foram aplicados os testes t de Student Simples e Anova utilizando o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 19.0. **Resultados:** Os resultados evidenciaram associação estatisticamente significativa entre a compreensão de leitura textual e a acurácia de leitura de palavras e pseudopalavras, compreensão leitora de frases com situações diretas e indiretas, atenção, memória geral, memória de curto prazo e ano escolar para adolescentes de 11 a 15 anos. **Conclusão:** A partir dos resultados apresentados podemos concluir que a fluência de leitura, a compreensão leitora de frases, habilidades cognitivas e o ano escolar apresentam associações com a compreensão de leitura textual no público adolescente. Diante dos resultados observa-se a importância de se desenvolver atividades curriculares que tenham como objetivo ampliar a fluência de leitura, competência lexical, habilidades cognitivas de crianças e adolescentes, visando benefícios nas habilidades linguísticas e na capacidade de leitura. É necessário promover e estimular habilidades que estão envolvidas no processo de leitura em anos mais avançados da escolaridade, e não somente no início da escolarização, tendo em vista a formação de leitores críticos, refletivos e proficientes.

FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL: ATUAÇÃO NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Denise Brandão de Oliveira e Britto; Ana Carolina Fonseca Bastos; Kézia Valentim Alves

Na área da Educação, a Fonoaudiologia atua em todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvendo ações para a otimização e aprimoramento, na identificação e prevenção de possíveis alterações e na promoção do processo educativo adequado. Ferramentas de identificação precoce, como o Modelo de Resposta à Intervenção - RTI são desenvolvidas com o intuito de identificar precocemente transtornos e dificuldades de aprendizagem além de aperfeiçoar e otimizar o processo ensino-aprendizagem. **Objetivos:** Analisar o processo de intervenção fonoaudiológica - modelo RTI – em escolares do primeiro ano do ensino fundamental além de demonstrar a relevância do trabalho fonoaudiológico no processo de ensino-aprendizagem; realizar a sondagem da leitura, escrita e processamento fonológico em escolares do 1º ano do ensino fundamental antes e depois da intervenção fonoaudiológica de estimulação de funções básicas necessárias para o adequado desenvolvimento da linguagem escrita e analisar o desempenho em leitura e escrita de escolares antes e depois da intervenção fonoaudiológica. **Métodos:** O estudo possui caráter quanto-qualitativo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Minas, sob o protocolo CAAE: 60197216.8.0000.5137 e realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PROBIC/FAPEMIG. Participaram do estudo todos os escolares matriculados no 1º ano do ensino fundamental de uma escola do ensino básico localizada na cidade de Santa Luzia em Minas Gerais. Todos os escolares foram sondados coletivamente por meio do Protocolo de Sondagem. Nesse protocolo são coletados dados acerca da leitura, escrita, memória e consciência fonológica. A partir da tabulação dos dados da primeira sondagem, os sujeitos foram divididos em Grupo Controle (GC) – sujeitos com score na média da turma ou acima e Grupo Experimental (GE) – sujeitos com score abaixo da média da turma. O GE recebeu a estimulação - 15 intervenções, uma vez por semana cada, das habilidades de consciência fonológica em sala de aula com duração de 1 hora. Os dois grupos foram novamente submetidos à sondagem a fim de verificar, quantitativamente e qualitativamente, a eficácia do programa baseado no modelo RTI. O programa utilizado nas análises foi o IBM SPSS Statistics Version 22 e o nível de significância adotado foi de 5%. **Resultados:** Participaram da pesquisa 40 sujeitos, sendo 12 do sexo feminino e 28 do sexo masculino, 23 (57,5%) sujeitos formaram o (GE) – 8 (34,7%) meninas e 15 (65,21%) meninos e o GC foi formado por 17 (42,5%) sujeitos, ou seja, a maioria dos escolares apresentava resultado abaixo da média de seus pares, antes da intervenção. A análise dos resultados após as intervenções demonstra que GC e GE praticamente se equipararam – sem diferença estatisticamente significativa entre os mesmos. A análise individual, antes e depois das intervenções, dos escolares que compuseram o GE demonstra que todos se beneficiaram do programa, todos tiveram significância estatística. **Conclusões:** Essa proposta de intervenção por meio da estimulação da consciência fonológica apresentou-se eficaz no processo de aquisição da linguagem escrita além de ser útil para o ambiente escolar tomando-se uma ferramenta para otimização do processo de ensino e aprendizagem, monitoramento e identificação de possíveis alterações durante a alfabetização.

A UTILIZAÇÃO DE TABLETS E SMARTPHONES PODE FAVORECER O DESENVOLVIMENTO INFANTIL?

Livia Rodrigues Santos, Rosane Luzia de Moraes, Leiziane Pereira, Rayane Fonseca Ribeiro, Sabrina da Conceição Guedes, Juliana Nogueira Pontes Nobre, Vanessa de Oliveira Martins Reis, Juliana Nunes Santos

Objetivo: Avaliar se a utilização das mídias interativas está associada ao desenvolvimento cognitivo e de linguagem de crianças pré-escolares do município de Diamantina-MG. Métodos: Trata-se de um estudo transversal observacional comparativo de amostra probabilística, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer ETIC 1.674.171. Os participantes foram recrutados em creches públicas e privadas do município de Diamantina, das quais seis eram instituições públicas e três, privadas. Os dados relativos à criança (histórico e estado de saúde), aos pais (escolaridade) e ao uso das mídias interativas (tipo de mídia, tempo gasto, forma de acesso às mídias) foram coletados por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores. Os aspectos cognitivos e linguagem expressiva foram avaliados pela Escala Bayley de Desenvolvimento Infantil III com cegamento dos avaliadores em relação ao uso das mídias. Para o estudo, foram necessárias 72 crianças, considerando um teste T independente com poder (erro tipo beta, tipo I) de 85%, alfa igual a 0,05 e tamanho do efeito de 0,63. O tratamento estatístico foi feito ao nível de significância de 5%. Os participantes da pesquisa foram alocados em grupos, tendo por base a utilização e o tempo de manuseio das mídias interativas, assim caracterizados: Grupo 1 - crianças que não utilizam mídias; Grupo 2 - crianças que utilizam mídias por até 35 minutos/dia; Grupo 3 - crianças que utilizam mídias por período superior a 35 minutos/dia. Ao final, a distribuição da amostra foi homogênea e em cada grupo foram alocadas 24 crianças. O valor utilizado na separação dos grupos (35 minutos) corresponde à mediana do tempo de uso das mídias. Resultados: Não houve diferença estatisticamente significativa entre os três grupos no que se refere ao nível socioeconômico, sexo e idade das crianças. Os usuários de mídias interativas apresentaram características semelhantes no que diz respeito à participação, ao incentivo e ao controle dos pais durante o uso de tais tecnologias ($p>0,05$), mas diferiram em relação ao tipo de mídia utilizada. O uso de tablet foi significativamente maior no grupo que utilizava as mídias por maior tempo/dia. A maior parte dos pais relatou não apenas acreditar no efeito benéfico das mídias, mas também estimular a criança durante o uso dos dispositivos. Observaram-se maiores escores nos domínios cognitivos e linguagem expressiva no grupo que utiliza as mídias por maior tempo diário. Conclusão: No presente estudo, houve associação significativa entre uso das mídias, especialmente o tablet, e o desenvolvimento infantil. Os resultados aludem para o potencial uso das mídias interativas como recurso de estimulação das habilidades cognitivas e de linguagem em crianças pré-escolares. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento de recursos interativos direcionados às necessidades da população infantil. Por fim, sugere-se que novos estudos de base populacional sejam conduzidos a fim de promover a adequada orientação dos pais e profissionais envolvidos no cuidado com as crianças quanto aos benefícios e eventuais riscos associados ao uso das mídias interativas.

ESTUDO DOS PERFIS PERCEPTIVOS E DE APRENDIZAGEM EM ADOLESCENTES

Karine Luiza Montanari Silva, Fabia de Oliveira Caumo Guimarães, Felipe Melo, Lucas Emanuel Ramos Pereira, Luciana Mendonça Alves

Os estilos de aprendizagem são traços que indicam como cada escolar se integra e adapta em seus ambientes escolares. São as preferências e particularidades extremamente individuais de cada sujeito que influem na forma que costumam aprender um conteúdo e se comunicar. Há quatro estilos de aprendizagem: ativo, reflexivo, teórico e pragmático. O que permeia o desenvolver de um determinado estilo de aprendizagem são os fatores ambientais, sociais, afetivos, cognitivos e físicos. O estudo dos sistemas representacionais preferenciais é a forma como os nossos sentidos estabelecem contato com o mundo exterior e o processa pelo cérebro a fim de obter as informações que dele provêm. Os perfis de representação preferencial são classificados em: auditivo, visual, cinestésico ou digital. Objetivo: Conhecer os perfis de aprendizagem e perceptivos de escolares do ensino médio visando a realização de orientações para um melhor desempenho acadêmico. Método: Trata-se de estudo analítico transversal com amostra de conveniência, realizado em uma escola particular de Belo Horizonte, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino dos Pesquisadores, sob o número 70681417.5.0000.5096. Participaram da pesquisa 84 escolares matriculados do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, entre 14 a 18 anos de idade. Foram aplicados os testes de Estilos de Aprendizagem e Estilos Perceptivos. Resultados: O estilo predominante obtido para o 1º ano foi o Ativo, para o 2º ano o estilo Reflexivo e por fim, para o 3º ano o estilo predominante foi, da mesma forma, o estilo Reflexivo. Com relação aos resultados do teste do Estilo Representacional Preferencial, os resultados obtidos foram para o 1º, 2º e 3º ano: Digital. Foi possível observar que, ao longo dos anos escolares, há uma preponderância dos alunos desenvolverem dois ou mais estilos. Os escolares do 1º e 2º ano apresentam características semelhantes. Não foram observadas correlações entre os perfis dos diferentes testes, mas entre os alguns subperfis do teste de estilos de aprendizagem. Existem poucos estudos sobre esse assunto em relação aos adolescentes sendo necessários mais estudos sobre as características desta população. Conclusão: Foi possível observar que ocorrem mudanças nos estilos de aprendizagem e representacionais preferenciais no decorrer dos anos escolares, especialmente a partir do segundo ano. Há uma relação entre os perfis do mesmo teste apenas para o teste de estilos de aprendizagem. No entanto, não foi possível observar essa relação com a comparação entre os testes e nem com relação aos gêneros o que pode ser justificado pela literatura.

CONHECIMENTO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO À DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Cristiane Bueno Sales; Bruno Marco Bonelli; Francielly Alves Xavier; Luciana Mendonça Alves.

Objetivo: Avaliar o conhecimento dos professores em relação à deficiência auditiva. Metodologia: Trata-se de um estudo descritivo transversal. Foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, sob o protocolo interno número 33723414.7.0000.5096. A população estudada foi constituída por 20 professores de escolas públicas e privadas do município de Belo Horizonte. Na pesquisa, foi utilizado um questionário qualitativo, aplicado aos professores, composto por oito questões abertas, a fim de avaliar o conhecimento dos professores em relação à deficiência auditiva. As perguntas qualitativas relacionavam-se ao conhecimento do professor em relação à deficiência auditiva, aos tipos e graus de perda, as possibilidades de tratamento e o conhecimento específico em relação ao Sistema de Frequência Modulada, características dos alunos com deficiência auditiva, experiência do professor com alunos deficientes auditivos, encaminhamentos necessários e em relação à conduta do professor dentro de sala de aula diante de um aluno com deficiência auditiva. A análise dos dados coletados foi realizada por meio de estatística percentual. Resultados: Os resultados foram descritos conforme as respostas qualitativas dos professores: 45% responderam que "não sabem nada" sobre a deficiência auditiva; 95% relataram não ter conhecimento nenhum sobre os tipos e graus de perda auditiva; 75% dos professores não conhecem as possibilidades de tratamento e formas de intervenção; 85% referiram não ter o mínimo conhecimento e capacitação de como usar ou manusear o Sistema de Frequência Modulada em âmbito escolar. Em relação às respostas que evidenciam a percepção dos professores em relação às características de uma criança com deficiência auditiva, 40% relataram que as crianças são dispersas ou possuem falta de atenção, 30% agitadas, 20% dramáticas e 10% preferiram não opinar. 50% dos professores evidenciaram que não sabem qual a conduta adotar ou "não sabem como lidar", em sala de aula, com a criança deficiente auditiva. Conclusão: O estudo revelou que, atualmente, os professores da rede pública e particular se deparam com dificuldades em relação ao conhecimento sobre a deficiência auditiva, as condutas a serem seguidas, os tratamentos correlacionados, tanto quanto ao uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual, Implante Coclear e/ou Sistema de Frequência Modulada, sendo que esses dispositivos são essenciais na vida acadêmica de um aluno deficiente auditivo. Contudo, todos esses resultados condizem com a ausência de capacitações e realização de reciclagem para os professores, dificultando o posicionamento efetivo frente a um deficiente auditivo.

ATUAÇÃO DA FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL JUNTO ÀS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM À LUZ DOS CANAIS REPRESENTACIONAIS PREFERENCIAIS

Lucas Emanuel Ramos Pereira, Luciana Mendonça Alves

A Fonoaudiologia Educacional possibilita um diálogo com os diferentes contextos educacionais e visa à estimulação, o aprimoramento e a conscientização quanto aos aspectos importantes da comunicação humana e as suas relações com a educação. Tem-se como ação principal a prevenção e promoção de saúde e educação, criando condições favoráveis e eficazes para que as capacidades de cada participante possam ser aperfeiçoadas e potencializadas ao máximo. Objetivo: Relatar a experiência da atuação em Fonoaudiologia Educacional em uma escola municipal da cidade de Belo Horizonte/MG, junto ao ensino fundamental II, na perspectiva das estratégias de ensino, aprendizagem e tecnologias educacionais, atreladas aos canais representacionais preferenciais de alunos e professores. Método: O projeto se desenvolveu por meio de palestras, intervenções em grupos e estratégias de orientação e estimulação a serem executadas na escola. Durante as palestras foi aplicado o teste de canal representacional preferencial respondido individualmente por cada professor, seguidos dos aspectos neurocientíficos da aprendizagem, aquisição e processamento da informação, princípios das Neurociências para aplicação no ambiente escolar, assim como, as possibilidades de ensino e aprendizagem com os resultados dos testes. Seguidamente, durante as intervenções em grupos utilizaram-se recursos multisensoriais como vídeo, música, imagens e objetos táteis, a fim de demonstrar a percepção do estudante quanto aos canais sensoriais auditivo, visual, cinestésico e digital. Após esse processo pediu-se aos alunos para falar porque eles se identificavam mais com cada canal sensorial. Em consonância, foi realizada uma atividade impressa junto às turmas, por meio da qual eram apresentadas 12 imagens referentes a recursos tecnológicos, para identificação da conexão dos canais sensoriais e o que poderia ser estimulado a partir do seu uso. A atividade impressa era levada para casa, e solicitou-se aos alunos para discorrer sobre o que foi feito com os familiares. Em sequência, as estratégias para serem executadas na escola envolviam os recursos tecnológicos apresentados a alunos e professores que posteriormente foram baixados nos computadores do laboratório de informática, assim como, uma lista de jogos para estimulação da cognição. Tais estratégias foram executadas com a direção de uma professora ou do monitor de informática da escola. Resultados: Pôde-se observar maior percepção dos professores quanto aos seus processos cognitivos e as possibilidades de ensino e aprendizagem com o uso dos canais representacionais preferenciais, seguidos de boa compreensão dos alunos quanto aos seus processos, comprovado pelo monitoramento das atividades realizadas no laboratório de informática e por devolutiva ao final da execução do projeto, em que os alunos demonstraram a descoberta da metacognição como meio de conhecer os seus próprios meios e potencialidades. Em contrapartida, observou-se maior conscientização dos professores quanto a diversidade dos processos sensoriais em uma mesma sala de aula. Conclusão: Infere-se que a atuação da Fonoaudiologia junto à educação pode oportunizar o desenvolvimento de estratégias que se conectam às preferências sensoriais de alunos e professores, assim como, uma melhor compreensão desses processos, entre eles, aqueles que se alinham ao uso das tecnologias e dos fundamentos neurocientíficos como base.

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR

Cristiane Bueno Sales; Lucas Emanuel Ramos Pereira; Luciana Mendonça Alves; Patrícia Luíza André Soares

Objetivo: Identificar as queixas fonoaudiológicas de aprendizagem, audição e expressividade incidentes em estudantes universitários. **Métodos:** Estudo descritivo transversal com universitários do Curso de Graduação em Fonoaudiologia de uma Instituição de Ensino Superior de Belo Horizonte. Foram analisados de 80 questionários respondidos individualmente. **Resultados:** Os resultados evidenciaram a predominância do gênero feminino na população estudada. Relativo às habilidades auditivas, a dificuldade em estudar/concentrar em ambiente ruidoso foi relatada por 64 indivíduos (81,25%). Dentre as dificuldades de aprendizagem pesquisadas, a dificuldade de acompanhar textos grandes foi a mais expressiva, presente em 46 dos indivíduos (57,5%). Em relação à expressividade, a dificuldade de falar em público foi relatada por 64 indivíduos (80%), seguida pela dificuldade em organizar as palavras e ideias quando se quer expor algo, presente em 48 indivíduos (60%). **Conclusão:** Os universitários pesquisados apresentam demandas que podem vir a prejudicar o desempenho acadêmico. A pesquisa mostra a importância em se viabilizar a atuação fonoaudiológica junto a esta população a fim de minimizar a ocorrência destas dificuldades, colaborando assim para a formação de profissionais mais capacitados e eficientes.

QUAL A IMPORTÂNCIA DO VOCABULÁRIO PARA LEITURA NO FINAL DO PRIMEIRO ANO? UM ESTUDO LONGITUDINAL

Pedro Saulo Rocha Martins, Luiz Felipe dos Santos, Rita de Cássia Duarte Leite, Ângela Maria Vieira Pinheiro

Objetivos: A relação entre os níveis da consciência fonológica, vocabulário e leitura de palavras isoladas tem sido amplamente explorada pela literatura. Entretanto, poucos estudos avaliaram esta associação no início da educação formal. Desta forma, o objetivo do presente estudo é investigar longitudinalmente o efeito correlacional e preditivo da inteligência, da consciência silábica e fonêmica e do vocabulário no desempenho em leitura de palavras e de pseudopalavras em crianças do primeiro ano do ensino fundamental. **Métodos:** Uma amostra de 217 (55% sexo masculino) crianças do 1º ano do ensino fundamental de nove escolas da cidade de Belo Horizonte foi avaliada em inteligência, consciência fonêmica, consciência silábica, vocabulário, no início do ano escolar, e na leitura de palavras e de pseudopalavras ao final desse mesmo ano. Foram feitas análises descritivas, correlação de Pearson e regressão linear hierárquica múltipla utilizando o software R. As tarefas de leitura foram selecionadas como variáveis dependentes (VDs). **Resultados:** A média de idade na primeira avaliação foi de 5.79 (dp= 0.41) anos, a média do escore z da inteligência foi de 0.22 (dp=0.89), indicando níveis médios dessa habilidade. Observou-se que todas as variáveis se correlacionaram significativamente com as tarefas de leitura de palavras e de pseudopalavras. O primeiro passo da análise de regressão hierárquica considerou apenas a inteligência. No segundo, foram inseridas as variáveis de consciência fonêmica e silábica. Para investigar a contribuição específica do vocabulário no desempenho em leitura, esta variável foi inserida por último. Os passos foram os mesmos para as duas VDs. O modelo inicial com leitura de palavras como VD foi significativo, $F(1, 210) = 13.56, p < 0.001, R^2 = 0.06$. A consciência silábica se mostrou um preditor mais forte $\beta = 0.54, t(208) = 9.21, p < 0.001$ que a fonêmica e a inteligência. Por fim, controlando a contribuição dessas variáveis, a adição de vocabulário ao modelo foi significativa $F(1, 207) = 35.54, p < 0.001, \Delta R^2 = 0.06$, uma vez que crianças com melhor vocabulário se saíram melhor na tarefa de leitura de palavras $\beta = 0.26, t(207) = 4.64, p < 0.001$. O modelo inicial para pseudopalavras como VD foi significativo, $F(1, 212) = 15.47, p < .001, R^2 = 0.07$. A consciência silábica se mostrou um preditor mais forte $\beta = 0.55, t(210) = 9.29, p < 0.001$ que os demais. Finalmente, a adição do vocabulário ($\beta = 0.21, t(209) = 3.68, p < 0.001$) ao modelo foi significativa $F(1, 209) = 35.84, p < 0.001, \Delta R^2 = 0.04$. **Conclusão:** O resultado obtido é amplamente corroborado pela literatura em indivíduos de diferentes faixas etárias. O valor preditivo e longitudinal das variáveis estudadas no processo de aprendizagem da leitura indica a necessidade de se valorizar os níveis da consciência fonológica durante a alfabetização, assim como estimular o vocabulário. Estes resultados têm implicações diretas no entendimento de metodologias de ensino. Instituições financiadoras: Capes/CNPq. Coep: 32715014.0000.5149.

ESTRUTURA NARRATIVA NO RECONTO DE ESCOLARES DO 2º E 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Alair Junio Lemes de Andrade, Nicole Inêz Galvão, Ariana de Assis Souza, Luciana Mendonça Alves

Objetivo: Realizar estudo das estruturas narrativas no relato de escolares do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I. **Metodologia:** O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de vínculo dos pesquisadores, sob o número 38861914.4.0000.5096. Foram realizadas gravações de leitura e relato de texto narrativo, em voz alta, de 101 alunos do 2º e 3º anos de escolas pública e privada de Belo Horizonte, seguida de aplicação de questionário de interpretação textual, contendo 10 questões de múltipla escolha, tendo apenas uma resposta correta para cada questão. Os dados coletados foram analisados segundo o Modelo de Compreensão de Texto de Estrutura Causal. Foram realizadas análises descritivas, de associação e de correlação dos dados. **Resultados:** A análise permitiu verificar que há associação com significância estatística entre: categorias do relato e ano escolar; inferência com ano escolar e categorias do relato; Interferência com categorias do relato; reconstrução com gênero. As questões corretas não diferiram entre os anos, bem como o desempenho nas questões de inferências não diferiu para questões literais. Não houve classificação na melhor categoria de relato. **Conclusão:** Há uma evolução entre segundo e terceiro anos em relação à narrativa do relato, no que diz respeito a inferências, número de cláusulas no relato, e acurácia. Portanto esta pesquisa fornece dados normativos a respeito da estruturação do relato de escolares do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I.

DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA E COMPREENSÃO TEXTUAL AO LONGO DOS ANOS ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alair Junio Lemes de Andrade, Juliane Elisa Cordeiro Diniz Oliveira, Letícia Correa Celeste, Luciana Mendonça Alves

Objetivos: Investigar o desenvolvimento da fluência de leitura e compreensão textual em acadêmicos ao longo do Ensino Fundamental I e II de uma escola privada e pública. **Metodologia:** O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de vínculo dos pesquisadores, sob o número 38861914.4.0000.5096. Participaram 527 escolares do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola privada e outra pública, com idade entre 7 e 15 anos. Foi gravada a leitura de um texto e aplicado questionário objetivo de compreensão. Foram analisadas as palavras lidas corretamente por minuto (PCPM), média do questionário de compreensão e desempenho acadêmico através das notas finais da disciplina de português obtidas nas próprias instituições. **Resultados:** Os resultados demonstraram uma evolução crescente da fluência em leitura do 2º ano ao 9º ano da escola privada, com resultados médios de 59 PCPM para o 2º ano, 99 PCPM para o 3º ano, 102 PCPM para o 4º ano, 119 PCPM para o 5º ano, 132 PCPM para o 6º ano, 144 PCPM para o 7º ano, 144 PCPM para o 8º ano e 150 PCPM para o 9º ano. Os resultados também demonstraram uma evolução crescente da compreensão em leitura dos acadêmicos da escola privada do 2º ao 5º ano do ensino fundamental I, quando comparado ao ensino fundamental II, com resultados médios de 7,5 para o 2º ano, 8,5 para o 3º ano, 9,5 para o 4º ano, 9,7 para o 5º ano, 9,0 para o 6º ano, 9,4 para o 7º ano, 9,8 para o 8º ano e 9,3 para o 9º ano. Para a escola pública os resultados médios para fluência de leitura são de 64 PCPM para o 2º ano, 87 PCPM para o 3º ano, 95 PCPM para o 4º ano, 113 PCPM para o 5º ano, 137 PCPM para o 6º ano, 132 PCPM para o 7º ano, 1435 PCPM para o 8º ano e 144 PCPM para o 9º ano. Quanto a compreensão, os resultados foram oscilatórios para os anos escolares pesquisado da escola pública com média de 7,1 para o 2º ano, 8,3 para o 3º ano, 10 para o 4º ano, 9,3 para o 5º ano, 9,6 para o 6º ano, 9,0 para o 7º ano, 9,4 para o 8º ano e 9,2 para o 9º ano. Os dados de fluência de leitura e desempenho acadêmico indicam uma correlação moderada para os anos escolares pesquisados em ambas das escolas, privada e pública. **Conclusões:** Houve uma evolução da fluência de leitura para a escola privada e para quase todos os anos da escola pública. Para a compreensão, as médias são crescentes apenas do 2º ao 5º ano da escola privada, mas podem ter sido influenciadas pelo número de alunos presentes na data da coleta. Para a escola pública, a média de compreensão foi oscilatória em todos os anos escolares pesquisados. Os resultados referentes a correlação entre taxa de leitura e desempenho acadêmico apontam para uma correlação moderada.

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA, LEITURA E COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS COM E SEM TRANSTORNO FONOLÓGICO NA ALFABETIZAÇÃO

Luiz Felipe dos Santos, Pedro Saulo R. Martins, Rita de Cássia Duarte Leite, Ângela Maria Vieira Pinheiro

Objetivo: Investigar as diferenças no perfil de consciência fonológica, no comportamento e na habilidade de leitura entre crianças com transtorno fonológico e crianças sem transtorno fonológico. Método: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sobre o número 32715014.0000.5149 e a instituição de fomento (CAPES). A amostra inicial foi constituída por 252 crianças de ambos sexos do primeiro ano do ensino fundamental de nove escolas da cidade de Belo Horizonte. Foram excluídas 35 crianças com inteligência abaixo de 1 desvio padrão do escore Z e 6 crianças que não possuíam registro nos questionários comportamentais. A amostra final possuía 211 crianças, divididas entre grupo com transtorno fonológico (G1) (n=96) e grupo sem transtorno fonológico (G2) (n=115) e avaliadas em inteligência (teste Matrizes Progressivas de Raven), consciência de rima, consciência silábica, consciência fonêmica, em leitura de palavras e de pseudopalavras. Seus professores responderam ao questionário comportamental sobre problemas emocionais e hiperatividade (SDQ-Por). Foram realizadas via SPSSv20 análises descritivas, comparação de grupos (Teste T) e o teste de qui quadrado para verificar a diferença da frequência de sexo entre os grupos. Resultados: Não houve diferença significativa entre os grupos para as seguintes variáveis: sexo [$\chi^2(1)=1.68$, $p=0.19$]; idade [$t(193.38)=0.99$, $p=0.32$, $d=-0.14$]; inteligência [$t(209)=0.60$, $p=0.54$, $d=-0.08$]; consciência de rima [$t(209)=0.77$, $p=0.43$, $d=-0.11$]; e leitura de palavras [$t(208,97)=1.83$, $p=0.69$, $d=-0.25$]. Por outro lado, as análises revelaram diferença significativa nos níveis de consciência silábica [$t(209)=3.08$, $p<0.01$, $d=-0.48$], de consciência fonêmica [$t(126.78)=2.55$, $p<0.05$, $d=-0.48$], na e de leitura de pseudopalavras [$t(207.86)=2.15$, $p<0.05$, $d=-0.29$] e no SDQ para problemas emocionais [$t(209)=3.13$, $p<0.05$, $d=0.43$] e hiperatividade [$t(185.90)=3.16$, $p<0.05$, $d=0.44$]. Conclusão: Na comparação entre grupos não foram encontradas diferenças quanto a gênero, idade e inteligência, mas sim em relação ao comportamento. Nas demais comparações, no que se refere ao desempenho nas medidas aplicadas às crianças, o G1 obteve pior desempenho do que o G2 em relação às habilidades de consciência silábica, de consciência fonêmica (achados que estão parcialmente de acordo com a literatura, uma vez que as crianças com transtorno fonológico apresentam dificuldades nos três níveis de consciência fonológica – intra-silábica, silábica e fonêmica) e de leitura de pseudopalavras. Com relação à ausência de dificuldades na leitura de palavras, faz sentido supor que as dificuldades em consciência fonológica, por impactarem no estabelecimento da relação grafema-fonema, afetem especialmente a leitura de pseudopalavras, particularmente porque as palavras utilizadas nas provas de leitura para alfabetizando são de alta frequência e regulares (caso do presente estudo). Sobre o comportamento, a diferença entre os grupos se deu em relação aos escores mais altos atribuídos ao G1 em comparação ao G2 nas escalas problemas emocionais e hiperatividade. Tal resultado, embora totalmente previsível, principalmente quanto aos problemas emocionais, parece ainda não estabelecido na pesquisa na literatura brasileira, de acordo com busca nos bancos de dados Scielo, Google acadêmico e PubMed.